

A morte em destaque: reflexões sobre o telejornalismo

Michele Negrini*

Universidade Federal de Pelotas

Índice

1 A morte no telejornalismo	1
2 A morte	4
3 Produção de sentidos	5
4 A morte no JN e no JB	6
5 Considerações Finais	11
Considerações Finais	11
Referências	12

Resumo

A morte é uma temática permeada por complexidades e as significações que assume para os homens são distintas. Desta forma, a manifestação da finitude humana no jornalismo televisivo oferece uma riqueza de possibilidades para investigações acadêmicas. As reportagens que abordam a morte no Jornal Nacional e no Jornal da Band são o foco desta pesquisa, que busca refletir sobre a espetacularização da finitude humana nos dois telejornais. Como objeto, analisamos as edições do JN e as do JB que foram ao ar no período de 20 a 25 de outubro de

*Jornalista; mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; docente da Universidade Federal de Pelotas. Email: mmnegrini@yahoo.com.br.

2008. Tomamos como suporte metodológico a Análise do Discurso de Linha Francesa.

Palavras-Chave: Morte. Telejornalismo. Espetacularização.

1 A morte no telejornalismo

A TV tem destaque entre os veículos de comunicação, tendo em vista que ela geralmente ocupa um lugar especial nas residências das pessoas e tem espaço no cotidiano do público. Para Rezende (2000, p.31): “Inegavelmente, a TV é o principal veículo de comunicação do sistema de comunicação de massa brasileiro”. Na atualidade, ela tem passado por constantes mudanças na programação e na forma de focar os conteúdos apresentados, que implicam na exaltação da espetacularização no contexto televisivo. Esta espetacularização é um ingrediente presente, inclusive, na grade de jornalismo de muitas emissoras, as quais, mesmo que de forma sutil, apresentam programas *shows* como forma de sedução do público.

Um conjunto de elementos, como exploração das emoções e especulações sobre a vida particular das pessoas envolvidas nos casos apresentados, misturados com itens do jornalismo ocupam constantemente o espaço do jornalismo televisivo. Falar na união entre jornalismo e espetacularização remete à

postura de muitos telejornais, como o Jornal Nacional e o Jornal da Band, frente a eventos que envolvem temas polêmicos, como a morte.

O Jornal Nacional e o Jornal da Band são telejornais de credibilidade no cenário nacional e, cada um com suas peculiaridades, possuem configurações que os tornam objetos interessantes e singulares para estudos. Estamos tratando de telejornais de referência e com respaldo entre o público, mas que, ao tratar da morte, acabam recorrendo a recursos espetaculares.

Na atualidade, a televisão (especialmente o telejornalismo) tem se mostrado como um espaço de visibilidade para a temática da finitude humana. A morte e a violência estão entre os assuntos que têm bastante evidência no espaço televisivo e que chamam a atenção do público; que têm destaque garantido na cena midiática, ganhando espaço em audiovisuais como filmes, telejornais, telenovelas e desenhos animados. Bucci (2004) faz uma comparação entre a cobertura televisiva do suicídio do secretário¹ da fazenda da Pensilvânia, Budd Dwyer, ocorrido em 1987, e o assassinato, por parte de um policial, de um pedreiro² de 23 anos, em São Paulo, em 1997. No primeiro caso, mesmo que o suicídio tenha ocorrido em frente às câmeras, o momento exato não foi levado ao ar pelos

¹ O secretário, acusado de receber suborno, convocou uma coletiva para a imprensa para alegar inocência – ocasião em que sacou uma arma e atirou contra sua boca em frente às câmeras de TV (BUCCI, 2004).

² O pedreiro seqüestrou uma garotinha de dois anos de idade e a manteve como refém, pressionando uma faca contra o seu pescoço. O fato ocorreu no acostamento da rodovia D. Pedro I, a 70 quilômetros de São Paulo. Um dos policiais que tentava resolver o caso sacou uma arma e liquidou o seqüestrador (BUCCI, 2004).

telejornais. Já no caso do pedreiro, que também teve o seu fim registrado pelas redes de TVs, o momento da morte foi ao ar diversas vezes.

Bucci (2004), ao analisar o motivo da diferença de tratamento entre as duas mortes pelas redes televisivas, esclarece que a resposta automática seria a de que o secretário é uma autoridade, merecedora de respeito, enquanto o pedreiro, como uma pessoa pobre, não precisaria de tanta consideração. O autor acrescenta uma segunda idéia, referindo-se aos dez anos que separam uma morte da outra:

Eu não quero descartar o raciocínio, mas tenho outro palpite, um pouco menos automático. Em primeiro lugar, é preciso ter em conta que ocorreu um relaxamento nos limites do jornalismo e do entretenimento mundial no que diz respeito à violência. A morte real tornou-se um recurso que requer menos cerimônia da parte dos programadores (BUCCI, 2004, p. 109).

O exacerbado destaque dado à finitude humana nos telejornais dá respaldo para discussões acerca da sua espetacularização. A espetacularização é uma forma de repassar aos telespectadores as ilusões de que estão acompanhando o fato jornalístico em sua essência:

O espetáculo jornalístico em cena, no telejornal, seria dimensão essencial da ilusão da realidade, já que as cenas representadas em suas notícias seriam percebidas pelo público como reais e

autônomas, independentemente de influências do meio (COUTINHO, 2003, p. 62).

Nas palavras de Szpacenkopf (2003), o telejornal não é nada mais que um espetáculo formado por informações que são perecíveis, pois as notícias, com o decorrer do tempo podem se tornar obsoletas e sem valor mercadológico. Ele é um espetáculo que tem horário para começar e para ser finalizado, com a função de informar, divertir, além de alertar a audiência, a qual precisa ser mantida. A autora salienta que no espetáculo não há continuidade, o começo e o fim de uma tarefa estão muito próximos. E o telejornal faz parte da lógica do *show*, sendo submetido às leis espetaculares.

No pensamento de Szpacenkopf (2003), o telejornal pode ser considerado um espetáculo de variedades, porque ele dá destaque em sua pauta cotidiana a notícias de sofrimento e de violência. A violência apresentada no telejornalismo, muitas vezes, resulta em morte. Esta última é, na maior parte dos casos, levada ao ar com enfoque espetacular.

Os espetáculos de violência e morte são atrativos ao grande público. Szpacenkopf (2003) evidencia que mesmo os que dizem não gostar de violência acabam sendo atraídos por contemplá-la nos meios de comunicação e acabam se interessando por notícias com este conteúdo, “[...] seja porque querem estar informados, seja porque precisam saber o que pode lhes acontecer, seja porque defensivamente podem ver na tela o que poderiam fazer, mas que são os outros que fazem” (SZPACENKOPF, 2003, p. 257).

Ao definir espetáculo, Requena (1988) salienta que infinidades de atividades podem

manter um espetáculo, como uma representação teatral, uma missa, uma apresentação de carnaval, um programa televisivo. Entre as representações que um espetáculo pode ter, vale ressaltar que ele relaciona dois fatores: uma atividade oferecida e um sujeito que contempla. A dialética entre esses dois elementos se materializa na forma de uma relação espetacular, que é definida por Requena como a interação que surge entre a relação de um espectador e de uma exibição que lhe é oferecida.

É característica do espetáculo que a realidade seja levada para a cena de forma dura, nua e crua. Assim, quanto mais completa, global e natural for o real que o público vai ter acesso, maior será a probabilidade do noticiário de captar audiência. A informação oferecida pela televisão vai ter impacto entre o público com o oferecimento de imagens do mundo mais completas do que aquelas tidas no local do fato. E, o processo de “complementação” da realidade é a espetacularização (CANAVILHAS, 2001).

A espetacularização no jornalismo televisivo é uma das formas de atrair a atenção do telespectador, atuando na produção de sentidos. Com a propagação da informação de forma espetacularizada, nos encontramos frente a uma forma diferenciada de transmissões, a qual é atrativa e tem retrospecto entre o público. No caso da apresentação da morte no jornalismo de televisão, torná-la espetacular é deixá-la mais urgente e fascinante.

A apresentação da morte no jornalismo televisivo diversas vezes é dotada de ingredientes que vão muito além da simples apresentação do fato; são levados ao ar os anseios dos parentes dos que morreram; choros e gritos têm espaço nos telejornais; e pessoas emocionadas podem dar seus depoimentos

demonstrando seus sentimentos em decorrência do acontecimento da morte. A espetacularização da morte no jornalismo televisivo está relacionada à sua encenação.

2 A morte

A morte é um elemento estrutural para o entendimento do homem, pois o ser humano só se reconhece a partir da aceitação de sua finitude. A vida está estreitamente ligada à significação que se atribui à morte. A consciência da própria finitude é constitutiva do ser humano. A concepção que o homem tem sobre a vida e sobre a morte fazem parte de um único comportamento fundamental. Com o reconhecimento da morte, a vida se torna mais plena, a consciência do fim embasa um olhar diferenciado sobre o presente, dando forma à vida. A adaptação à idéia de morte oferece bases para a vivência. Mesmo que algumas pessoas visualizem a morte como algo sombrio, que seja sinônimo de trevas, a morte está intimamente ligada à vida (SIMMEL, 1998).

A relação que os seres humanos têm com a idéia de sua finitude é indispensável para que toda a sua vivência seja delineada e é fundamental para que todas as outras determinações da vivência sejam articuladas (DASTUR, 2002). A morte é fundadora para o viver. É ela que faz com que vida tenha sentido. Ter consciência da morte é o principal fator que diferencia o ser humano dos outros animais e que o caracteriza como tal (RODRIGUES, 1983).

Os outros animais, como não possuem capacidade de se reconhecerem como indivíduos, não conseguem ter a consciência de sua finitude (RODRIGUES, 1983). A consciência da morte é uma das maiores con-

quistas construtivas do homem, ela dá bases para constituição do homem. Conforme a reflexão de Morin (1988, p. 16-17):

A morte situa-se exatamente na charneira bioantropológica. É a característica mais humana, mais cultural, do *anthropos*. Mas se, nas suas atitudes e crenças perante a morte, o homem se distingue mais nitidamente dos outros seres vivos, é aí mesmo que ele exprime o que a vida tem de mais fundamental. Não tanto o querer viver, o que é um pleonasma, mas o próprio sistema de viver.

A consciência da morte é um elemento conflituoso para os seres humanos, mas fundamental para o entendimento de sua essência. É através da consciência da morte que o homem tem a noção de sua transitoriedade e dos limites de sua existência (FREIRE, 2006).

É traço marcante da cultura ocidental a característica da conservação da vida e de banimento da morte. Tais sociedades priorizam apagar a idéia de que o homem possa ser mortal, de que ele tenha fim, e preferem sempre exaltar a permanência da vivência. Rodrigues (1983) ressalta que esta reafirmação insistente da a-mortalidade do homem, por parte destas sociedades, na verdade, ocasiona a criação da morte verdadeira, da morte profunda. Para o autor, é pela negação da finitude do homem que a cultura ocidental criou e enraizou a morte.

O pensador francês Ariés (2003) destaca que a morte, que foi plenamente presente no cotidiano das sociedades medievais, nos dias atuais passa a ser vista como assunto inter-

ditado. Mas, é pertinente ressaltar que as sociedades do ocidente da atualidade, apesar de consideradas negadoras da morte, contemplam o fenômeno no espaço dos meios de comunicação. Castells (1999) salienta que é uma tendência do ocidente a supressão da morte do cotidiano e o seu abrandamento através da sua repetição na cena midiática. O homem, ao contemplar a finitude dos outros nos meios de comunicação, acaba se desviando da idéia da sua própria morte.

Barbosa (2004) salienta que a televisão, nas suas transmissões cotidianas, constrói duas perspectivas de mortos: o morto comum, que é objeto da violência corriqueira, e o morto notável, que teve a sua vida dotada de atos evidentes. A morte de alguém comum, para ganhar espaço midiático, tem que ser uma morte fortuita, uma ruptura, que tenha aspectos que possam tocar na intimidade do ser humano.

Segundo Barbosa, são as mortes de pessoas notáveis que aparecem como objetos das cerimônias da televisão. É destacada como espetáculo midiático a trajetória do morto quando era vivo, sendo mostrada como algo exemplar, que merece ser lembrada e cultuada. É característica do discurso midiático o enaltecimento das características “positivas” do grande morto, a ponto de torná-lo um herói diante do público, o que pode causar identificação.

De acordo com Mouillaud (2002), o cenário do jornalismo é espaço para diferentes tipos de morte. O autor ressalta que existem variados tipos de mortos nas páginas dos jornais impresso, como: os mortos de serviço, que compõem a necrologia; os mortos acidentais; os mortos dos conflitos, das guerras e das revoluções, que passam a fazer

parte da história; e o Grande Morto, que se destaca pelo seu nome, pela sua fama.

3 Produção de sentidos

A Análise de Discurso de linha francesa (AD) permite ao estudioso da linguagem fazer análises dos variados discursos que emergem na sociedade a partir de determinações sociais, políticas e culturais. O analista de discurso se preocupa com o processo de produção de sentidos, pois o objetivo de uma análise sob esse viés é desvelar os sentidos subjacentes ao sistema linguístico (ORLANDI, 2001).

A AD procura compreender a língua fazendo sentido, na relação com as condições de produção. Ela não toma a língua como um sistema abstrato, mas como inserida no mundo, fazendo parte da vida dos homens, isto é, de sujeitos os quais ocupam determinada posição como membros da sociedade (ORLANDI, 2007).

Os sentidos de um texto variam conforme as estratégias postas em funcionamento na construção do discurso, a constituição dos sujeitos que falam e dos sujeitos que leem³, o meio em que o texto se materializa e as relações de poder envolvidas.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e,

³ Considerando-se todo receptor, independentemente do veículo, como “leitor”, e a leitura como um ato de produção de sentidos.

ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever (ORLANDI, 2007, p. 47).

O sujeito enuncia a partir de um determinado lugar e este lugar é um distintivo para o que ele diz. A construção dos sentidos, portanto, está intimamente relacionada aos interlocutores do discurso. Os sentidos se dão de acordo com as posições ideológicas que estão em jogo no processo de produção das palavras.

No caso específico do discurso jornalístico, Mariani (1998) explica que a produção de sentidos das notícias se dá a partir de um jogo de influências no qual estão presentes as impressões do próprio jornalista (que são sujeitos históricos), dos leitores e, também, da linha política do jornal.

No caso do Jornal Nacional e o Jornal da Band, que têm um discurso notadamente polifônico, é relevante falar em paráfrase – compreendendo a paráfrase como a repetição, ao longo de um texto, de um mesmo sentido. Diferentes formulações para um mesmo dizer caracterizam a paráfrase. Também podemos dizer que é paráfrase a constante repetição dos sentidos de um enunciado principal. Nos processos de paráfrase, em todo enunciado sempre há características que se mantêm (ORLANDI, 2007). A paráfrase representa a retomada dos mesmos lugares do dizer. A tendência à constante repetição de sentidos, caracterizada pela paráfrase, pode levar à redundância.

4 A morte no JN e no JB

Ao levar ao ar as notícias sobre a morte, o Jornal Nacional e o Jornal da Band, em alguns casos, especialmente os de grande repercussão nacional, exploram os sentimentos das pessoas ligadas às vítimas. No compartilhamento de anseios frente à finitude humana, visualiza-se a encenação e a teatralidade, que marcam a espetacularização.

O Jornal Nacional, da Rede Globo, possui um discurso que se configura com muita riqueza de detalhes e pode ser considerado um objeto com interessantes aspectos para análise. O programa tem ampla credibilidade entre o público brasileiro e tem o respaldo dos apresentadores, Fátima Bernardes e William Bonner, para apresentar temáticas polêmicas como a morte. Da mesma forma, o Jornal da Band, da Rede Bandeirantes, também possuiu um discurso com características interessantes para serem analisadas.

A questão da repetição de sentidos no JN e no JB torna este estudo interessante e intrigante. A observação da reprodução de determinados sentidos, o que é característica da paráfrase, vai nos permitir delinear a análise das matérias sobre a finitude humana no jornalismo televisivo, com foco no Jornal Nacional e no Jornal da Band.

O corpus é composto por seis edições do Jornal Nacional e seis edições do Jornal da Band, as quais foram ao ar nos dias 20, 21, 22, 23, 24 e 25 de outubro de 2008. São focos deste estudo todos os casos de morte apresentados nos telejornais que compõem o corpus. As edições têm como caso principal a cobertura do desfecho do seqüestro de Santo Andre, interior de São Paulo, onde Lindemberg Alves, 22 anos, manteve a ex-

namorada Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, como sua refém por mais de 100 horas. O final do episódio resultou na morte de Eloá, no dia 18 de outubro de 2008, depois de ter sido alvejada por Lindemberg⁴.

Vamos nos deter, usando a metodologia da AD francesa, no estudo do texto verbal dos locutores das seis edições do Jornal Nacional e das seis edições do Jornal da Band que fazem parte do *corpus* deste estudo. Por opção metodológica, selecionamos os principais sentidos instituídos sobre a morte, os quais dão a ela uma configuração de espetáculo televisivo, no discurso de todos os locutores⁵ presentes nas matérias sobre o tema nos programas em estudo.

Com a interdição da morte do cotidiano das sociedades ocidentais urbanas, que foi ocorrendo no decorrer do processo histórico, pode-se considerar que houve um deslocamento do local de contemplação do “espetáculo” da morte. E o telejornalismo pode ser considerado, na atualidade, como uma alternativa de encontro coletivo para contemplação da temática e das questões que a envolvem.

Com o objetivo de refletir sobre a espetacularização da morte no Jornal Nacional e no Jornal da Band, observamos o *corpus* deste estudo a partir de três momentos (que serão verificados separadamente no JN e no JB): a) vida x morte; b) destaque às emoções dos envolvidos nos casos; c) apresentação da morte de forma “detalhada”.

⁴ Além do caso “Eloá”, outras mortes foram apresentadas no período correspondente ao *corpus* deste estudo.

⁵ Ducrot (1987, p. 182) diz que o locutor é “um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável”. O locutor mostra-se como o “eu” no discurso.

4.1 Jornal Nacional

No Jornal Nacional, notícias sobre morte são levadas ao ar indo ao encontro de discussões do crítico Guy Debord (1997) sobre o espetáculo: marcadas pelo caráter repetitivo e tendo foco no seu desenrolar.

Há um foco na demonstração de emoções e a realidade é demonstrada com detalhes “picantes”. Ao tratar do caso Eloá Pimentel, o JN formou um “enredo” para levar ao ar os pontos mais específicos do acontecimento. Em alguns momentos, fica visível que a realidade está sendo retratada com diversos “artifícios espetaculares”. As Sequências Discursivas reunidas a seguir mostram, através do efeito de paráfrase, a espetacularização.

a) vida X morte

A espetacularização no JN se evidencia na discussão do contraponto entre a vida e a morte. Ao mesmo tempo em que o telejornal se apresenta como espaço para o choro diante da finitude humana, discute os “ganhos” proporcionados por algumas mortes. No caso de Eloá, o JN enfatiza que os seus órgãos proporcionaram mudanças na rotina de várias pessoas. E a sua mãe, Cristina, mostra-se aberta a conhecer os que receberam os órgãos da filha. O coração da vítima de Lindemberg foi transplantado em uma paciente no dia em que ela estava fazendo aniversário.

Entrevistada (prima de transplantada) – Ela sempre falava, desde o ano passado: **“Deus vai me dar um coração no dia do meu aniversário”**.

Repórter – O aniversário de 39 anos começou na sala de cirur-

gia do hospital Beneficência Portuguesa em São Paulo. **De presente, Maria Augusta ganhou a chance de recomeçar a viver, estudar, trabalhar, se casar.**

Repórter – Perto da 1h, no mesmo hospital, começou uma segunda operação. **Um transplante duplo. Um homem de 25 anos veio receber o pâncreas e um dos rins de Eloá.**

Repórter – Ambulâncias levaram os órgãos a vários hospitais de São Paulo, onde os pacientes já estavam sendo preparados. **A vida contra o relógio.**

Repórter – Na Santa Casa de São Paulo, o **fígado foi para uma menina de 12 anos, que tinha um tipo grave de hepatite.**

b) destaque às emoções dos envolvidos nos casos

Os anseios dos envolvidos nos casos de morte são explorados de forma contundente no JN. Os sentimentos são ritualizados. E os detalhes que compõem o cenário onde a morte está inserida são descritos.

Repórter – O carro prata da prefeitura trazia o caixão branco e dourado de Eloá. Centenas de pessoas esperavam por ela. Na falta de outra reação, aplaudiram.

Repórter – Depois tentaram enxergar, através do vidro, o inexplicável da morte. Os amigos de Eloá ficaram juntos, abraçados,

como se assim a tragédia pudesse ser menor.

Entrevistada (Amiga de Eloá) – Nós somos amigos de vida, amigos que nunca sairão de nossas vidas.

Repórter – Depois, cantaram a música preferida de Eloá. Uma música que fala sobre o pouco tempo que a gente tem para todas as coisas da vida.

Repórter – A mãe de Eloá chegou depois dos amigos. **Ainda assustada, perplexa, sem caber direito no estranho e irreversível papel de perder um filho.**

Repórter – As pessoas passam uma a uma, deixando para Cristina, a mãe, abraço, choro, solidariedade. Mas cada vez que olha para a filha, não pode esquecer, sem Eloá, está muito mais sozinha no mundo.

Entrevistado – Ela morreu ainda muito cedo, tinha muitos planos para a vida dela e era para ela estar ai, com nós, indo para a escola entrando normal.

Repórter – Alegre, comunicativa, romântica. Apesar de ter crescido num dos bairros mais violentos de Santo André, Eloá tinha as fantasias de qualquer jovem de 15 anos. Gostava de navegar na internet, participar de sites de relacionamento, ouvir música.

Um momento que pode ser considerado “marcante” na cobertura do Jornal Nacional

ao caso Eloá Pimentel, em termos de exploração das emoções dos envolvidos, ocorreu na edição de 21 de outubro de 2008. Neste dia, foi dado destaque à mãe da vítima, Ana Cristina, ao lado do caixão da filha, dizendo perdoar o assassino:

Mãe de Eloá – Eu consigo perdoar o Lindemberg de todo o meu coração, mas que a justiça seja feita.

Mãe de Eloá – A polícia não teve culpa de nada, porque eles lutaram como eu lutei. Eles choraram comigo, como eu chorei. E eu quero agradecer a todos.

c) **apresentação da morte de forma “detalhada”**

O detalhamento da informação sobre a mortalidade, com a explicitação de minúcias de como a morte ocorreu, também é uma forma espetacular de chamar a atenção do público.

Apresentador – Segundo a polícia, Daniel invadiu a casa de Camila Silva Araújo ontem à noite. O rapaz atirou na cabeça da jovem na frente do filho deles, de um ano. A família de Camila diz que ela e Daniel tiveram um relacionamento durante três anos e que há quatro meses ela rompeu o namoro.

Repórter – Câmeras de segurança do prédio onde morava o empresário Arthur Sendas, na Zona Sul do Rio, podem revelar detalhes que envolvem o crime.

Criminoso (para a polícia – em gravações) – “Sabe o por quê, mano? Muita gente aí fora vai pagar por isso. Muita gente vai sofrer e vai chorar”.

Apresentadora – 64 pessoas morreram em inundações pelas chuvas que atingiram o Iêmen e dezenas estão desaparecidas. 1700 casas foram destruídas, 20000 pessoas estão desabrigadas. A região leste do país foi declarada zona de desastre pelas autoridades. O Iêmen fica a extremo sul da Península Arábica.

4.2 Jornal da Band

No Jornal da Band, a espetacularização da morte tem uma configuração muito similar a que é trabalhada no Jornal Nacional. Há um destaque para as emoções dos envolvidos nos casos; e o desenrolar dos acontecimentos é esmiuçado de forma repetitiva.

a) **vida X morte**

O contraponto entre a vida e a morte também é realizado pelo Jornal da Band. Tratando-se do caso Eloá, pelo discurso do telejornal, fica denotado que a morte da adolescente trouxe vida para as pessoas que receberam os seus órgãos em transplantes. A possível melhoria na qualidade de vida da mulher de 39 anos, que, no dia de seu aniversário, recebeu o coração de Eloá, foi destaque no JB.

Apresentadora – No dia de seu aniversário, uma mulher de 39 anos, que estava na fila do transplante, recebeu hoje o coração de

Eloá. Mais seis pessoas vão ser beneficiadas com os órgãos doados pela família da adolescente.

Repórter – Beneficência Portuguesa, região central de São Paulo. [batidas de coração] **Aqui o coração da menina Eloá agora bate no peito de uma mulher de 39 anos.** Maria Augusta deixou Belém do Pará, em janeiro de 2007, **na esperança de conseguir um transplante na capital paulista. O namorado conta que ela tomava muitos remédios e tinha dificuldades para quase todas atividades do dia-a-dia.**

Repórter – Maria Augusta, que tem problemas cardíacos desde que nasceu, sempre acreditou que o novo coração iria chegar no dia do aniversário.

Entrevistada (prima de transplantada) – Ela sempre falava desde o ano passado: **Deus vai me dar um coração no dia do meu aniversário.**

Repórter – A retirada dos órgãos de Eloá começou ontem à noite, logo após a autorização da família. **As ambulâncias com a esperança de uma vida melhor para pelo menos outras seis pessoas saíram de Santo André pela madrugada. No mesmo hospital que foi feito o transplante de coração, um homem de 25 anos está recebendo pâncreas e rim.**

- b) destaque às emoções dos envolvidos nos casos

Com base na repercussão da morte de Eloá entre amigos, familiares e entre a sociedade em geral, o Jornal da Band fez um “recorte” da comoção gerada por um seqüestro longo seguido de morte. A mesma “fórmula” foi utilizada com os outros casos de morte levados ao ar no telejornal no período observado.

Choros, demonstrações de tristezas e de luto são enfatizados e mostrados ao público de forma repetitiva. É pertinente citar as colocações de Guy Debord (1997) de que o espetáculo tem o foco no seu desenrolar, no decorrer da cena.

Repórter – Flores para Eloá, pedidos de justiça, um apelo para o fim da violência contra a mulher.

Repórter – Um sentimento de comoção e revolta tomou conta das pessoas que vieram ao cemitério de Santo André.

Entrevistada (Amiga de Eloá) – Ela era a que tinha mais cabeça, que dava conselho para cada um de nós conforme... [Suspiro]. **Agente vai sentir falta de tudo, muita, muita falta.**

Repórter – Às três horas da tarde, o corpo de Eloá chegou ao cemitério de Santo André. **Momento de dor e emoção para familiares, amigos e para quem veio prestar a última homenagem à garota.**

Repórter – Aplausos [som dos aplausos], **uma oração dos colegas de sala** [trecho da oração]. **Foi difícil organizar a fila com tanta gente tentando entrar.**

c) **apresentação da morte de forma “detalhada”**

Na configuração de uma transmissão com características espetacularizadas, a manifestação da realidade dura, nua e crua é destacada por Canavilhas (2001) como uma forma de atração de público. No caso da morte, a demonstração ao espectador de detalhes de como ela ocorreu pode ser verificada no Jornal da Band.

Apresentador – Um vereador ameaçado pelo tráfico foi executado no Rio com três tiros na cabeça. Durante a campanha ele foi proibido pelos criminosos de subir os morros.

Repórter – O motorista José Natalino da Silva tentou fugir e acabou baleado nas costas. Ambos foram socorridos na emergência de um hospital público. Alberto Salles morreu poucas horas depois.

Apresentadora – A polícia persegue um carro roubado em São Paulo e encontra um corpo no banco traseiro.

Apresentadora – A vítima é uma adolescente de quinze anos. O corpo foi encontrado pela polícia depois da perseguição ao carro que tinha sido roubado na zona norte da cidade. O motorista foi preso e está prestando depoimento na delegacia.

5 Considerações Finais

Estudar o discurso do telejornalismo significa descobrir elementos que estão muito além do que parece óbvio aos olhos do telespectador. O analista do discurso tem a tarefa de buscar detalhes e sentidos muitas vezes ocultos nas entrelinhas dos enunciados e nas mais diversas imagens. Nosso esforço foi concentrado na busca de indícios sobre os principais sentidos instituídos sobre a morte no espaço do telejornalismo.

Nesta pesquisa, observamos seis edições do Jornal Nacional e seis edições do Jornal da Band, que foram ar no período de 20 a 25 de outubro de 2008. A partir da análise é possível inferir que a construção do discurso sobre a morte no JN e no JB remete a sentidos de que ela está vinculada ao espetáculo. E o telejornal, como instituição, participa deste contexto dando espaço para vinculação do *show* e fazendo a construção das cenas da morte com formato espetacular.

Como já apresentamos durante o trabalho, há uma complexidade ligada às reflexões sobre a temática da finitude humana. Ela é um assunto com diversas interpretações, as quais são particulares de cada cultura. Datur (2002) situa que a relação que os seres humanos têm com a morte é fundamental para delinear o seu viver. E Morin (1988) complementa dizendo que é na morte que se conhece o homem e é nela que ele se revela, pois é neste momento que as atitudes humanas exaltam suas diferenças sobre os outros animais. Com este estudo, verificamos que a morte no JN e no JB é tratada com pouca complexificação, e é abordada, na maioria das vezes, de forma teatralizada. Os dois telejornais analisados, que são de abrangência nacional, espetacula-

rizam a morte e fazem uma grande propagação em torno dela, sem levar em consideração que o público receptor é formado por pessoas com visões distintas sobre a temática. Assim, infere-se que abordar a morte precisa ir além da simples transmissão detalhada de imagens violentas e com ingredientes espetaculares. É tratar de um elemento que, muitas vezes, é de difícil aceitação pelo ser humano, que é visto na atualidade, nas culturas urbanas ocidentais como interdito.

O Jornal Nacional e o Jornal da Band, ao abordarem a finitude humana, rumam para condutas similares. A partir do discurso, verificou-se que há um padrão de “comportamento” na narrativa deles. Encontramos elementos para sustentar que os critérios dos jornalistas, ao construir o discurso do JN e do JB sobre a morte, levam mais em conta as características da espetacularização do que de bases conceituais da prática cotidiana do jornalismo, como as idéias sobre a objetividade e sobre a imparcialidade.

Podemos ressaltar o pensamento de Melo (2006), que diz que a objetividade jornalística não está ultrapassada e que está relacionada com a apresentação da pluralidade de versões na cobertura de um fato. Essa variação de versões tem vinculações com uma pluralidade de observações, de relatos e de fontes. A partir das considerações do autor, afirma-se que os relatos sobre a finitude humana no JN e no JB não apresentam a realidade de forma plural. Muitas vozes são manifestadas, mas elas enunciam sob a mesma perspectiva: na demarcação de uma cena que remete ao *show* e na evidência das boas características das vítimas e das más do criminoso. E a opinião dos programas e seus objetivos se tornam nítidos a

quem observar os seus discursos mais nitidamente.

Referências

- ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BARBOSA, Marialva. *A morte imaginada*. In: GT Comunicação e Sociabilidade na XIII Compós. UMESP: São Paulo, 2004.
- BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2000.
- BUCCI, Eugênio. Como a violência na TV alimenta a violência real – da polícia. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre a televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CANAVILHAS, João. *Televisão: o domínio da informação-espetáculo*. In: www.bocc.ubi.pt. Acesso em: 10 de dezembro de 2001.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COUTINHO, Iluska. *Dramaturgia no telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em televisão*. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, 2003.
- DASTUR, Françoise. *A morte: ensaio sobre a finitude*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

- DEBORD, GUY. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. *O som do silêncio: isolamento e sociabilidade no trabalho do luto*. Natal: EDUFRN, 2006.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Campinas: UNICAMP, 1998.
- MELO, Jose Marques de. *Teorias do jornalismo: identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Portugal: Publicações Europa-America, 1988.
- MOUILLAUD, Maurice. As grandes mortes na mídia. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 2002.
- ORLANDI, Eni. *Discurso e texto*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7 ed. Campinas: Pontes, 2007.
- REQUENA, Jesus González. *El discurso televisivo: espetáculo de la posmodernidad*. Madrid: Catedra, 1988.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Edições Achiamé Ltda: Rio de Janeiro, 1983.
- SCZPACENKOPF, Maria Izabel. *O Olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SIMMEL, George. A metafísica da morte. Trad. Simone Carneiro Maldonado. *Política & Trabalho*, ano 14, n. 14, João Pessoa, PPGS-UFPB. Setembro 1998, pp. 177-182.
- WAINBERG, Jacques A. *Mídia e terror: comunicação e violência política*. São Paulo: Paulus, 2005.